



DL-01

Ses. Esp. 08/04/11

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial em homenagem à memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso, proposta pelo deputado Zé Raimundo.

Convido para compor a Mesa, o Sr. Proponente da Sessão, deputado Zé Raimundo (palmas); o Sr. Paulo Pontes, chefe de gabinete da Secretaria de Educação, representando o governador Jaques Wagner. (palmas.); Sra. Teresa Mattoso, filha da homenageada e representante em memória da historiadora Kátia Mattoso. (palmas); Sr. Representante do Secretário de Cultura, Albino Rubim; e diretor da Fundação Pedro Calmon, professor Ubiratan Castro. (palmas); Sr. Ex-governador do Estado da Bahia, Dr. Waldir Pires. (palmas); Sra. Consulesa Honorária da Grécia, Mirian de Almeida Souza. (palmas); Sra. Presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, professora Consuelo Pondé. (Palmas); Sr. Coordenador do Curso de Pós-Graduação de História da UFBA, professor Evergton Salles (palmas.); Sr. Professor de História da UFBA, João José Reis.(palmas.); Sr. Professor Antônio Guerreiro, representante da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. (Palmas);

Solicito um minuto de silêncio em memória das vítimas da tragédia da Escola Municipal Tarso da Silveira, em Realengo, no Estado do Rio de Janeiro.



0496-I

Ses. Esp. 08/04/11

Or. Zé Raimundo

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Leur Lomanto Júnior):- Concedo a palavra ao proponente da Sessão, deputado Zé Raimundo.

O Sr. ZÉ RAIMUNDO:- Bom dia a todos, senhores, senhoras, presentes neste ato, nesta sessão especial em homenagem à memória da historiadora, Dra. Kátia Mattoso.

Gostaria de saudar e cumprimentar a Mesa, cumprimentar o deputado Leur Lomanto Júnior, vice-presidente da Assembleia que preside a abertura dos trabalhos.

Cumprimentar o Sr. Paulo Pontes, chefe de gabinete da Secretaria de Educação, que neste ato representa o nosso governador Jaques Wagner.

Saudar, cumprimentar a Sra. Teresa Mattoso, filha da homenageada e representante em memória da historiadora Kátia Mattoso. Em seu nome cumprimentar todos os familiares, parentes, todas aquelas pessoas que tenham relação familiar com a nossa homenageada; saudar e cumprimentar o companheiro, amigo, permitam-me essas considerações, professor Ubiratan Castro, que representa neste ato o nosso secretário da Cultura e que foi, na verdade, um dos responsáveis por esta sessão; cumprimentar e saudar o nosso amigo e companheiro, Dr. Waldir Pires, ex-governador do Estado da Bahia; cumprimentar a Sr^a Miriam de Almeida Souza, cônsul honorária da Grécia; cumprimentar a Sr^a Consuelo Pondé, presidente do Instituto Geográfico da Bahia; saudar e cumprimentar e permitam-me também abraçar esse jovem professor, Dr. Jorge Sales, coordenador do mestrado da nossa UFBA, da mesma forma, dizer da alegria de estar aqui com esse grande historiador, professor, Dr. João Reis, que é uma referência no Brasil e internacionalmente pela sua contribuição à historiografia da Bahia e de dizer também da alegria de contar aqui com a presença do nosso querido amigo, professor Antônio Guerreiro, que neste ato representa a nossa Faculdade de Filosofia da UFBA, e cumprimentar e saudar os amigos, os colegas do governo do Estado, de vários órgãos aqui presentes, dos colegas também de outras universidades, historiadores,



pesquisadores, enfim, as pessoas que aceitaram esse convite para nesta manhã deixar aqui registrada essa homenagem a nossa historiadora, Dr^a Kátia Mattoso.

Eu acho que não é preciso muitas explicações nem muitas referências para justificar esta sessão. A presença da Dr^a Kátia Mattoso na cultura da Bahia, é definitiva essa constatação.

Queria dizer, apenas, que na verdade a minha função, o meu papel foi um pouco de intermediar a vontade de vários amigos, de vários colegas, e sempre o nosso querido Dr. Ubiratan Castro, sempre estimulando e provocando com muitas ideias, e num desses encontros ele já tinha desenhado uma homenagem em forma de outorga de um prêmio de História da Bahia em homenagem à Dr^a Kátia, que seria divulgado nesta data em que ela faz aniversário de nascimento. E nas conversas com Dr. Ubiratan, sempre provocador, surgiu a ideia desta sessão, e mais do que isso, surgiu a ideia também da participação da Assembleia Legislativa, e em conversa com nosso presidente Marcelo Nilo ficou acordada essa parceria, e por isso, no final deste ato o presidente Marcelo Nilo estará presente para celebrar um protocolo de intenções, através do qual a Fundação Pedro Calmon e a Assembleia Legislativa serão as responsáveis pela execução desse prêmio.

Esse prêmio é uma justa homenagem à memória de uma historiadora que marcou e transformou a cultura historiográfica na Bahia, os depoimentos aqui colocarão com muito mais clareza essa dimensão, mas muito brevemente, eu acho que a Dr^a Kátia foi a modernização, foi a atualização, foi colocar a Bahia, com todo respeito às gerações anteriores, no cenário da cultura historiográfica. Nós tínhamos, até os anos 50 e 60, uma tradição que vinha do Instituto Histórico e Geográfico, passando, naturalmente, pelos grandes estudiosos das ciências sociais, que deixaram uma contribuição fundamental nos estudos sobre a História da Bahia. No período dos anos 50, também, vários historiadores, mas ainda vindo de várias matrizes.

Os anos 60, ao meu ver, constitui, efetivamente, uma verdadeira revolução na historiografia baiana, com a presença de Dr^a Kátia, professor Istivam e de toda uma geração que a partir daí se formou. Considero-me privilegiado por ter convivido com tantos colegas, tantos amigos.



Em seguida, indo para os sertões da Bahia, levei para lá também a preocupação da formação de uma nova geração. E, hoje, a Bahia tem vários cursos de História, alguns já com mestrado, alguns até com doutorado em parcerias. E tudo isso nasceu daquela efervescência do final dos anos 60 e dos anos 70 que, efetivamente, colocou a Bahia com muita força, com muito vigor no mundo intelectual do Brasil e do mundo.

Por isso, esta Assembleia sente-se honrada, e para mim é uma honra ter proposto esta sessão. Mas, na verdade, o homenageado aqui é cada um dos amigos e das amigas que aqui se fazem presentes para render homenagem à Dr^a Kátia Mattoso. Muito obrigado a todos pelas presenças honrosas. E eu tenho certeza, professor Ubiratan, que esse marco vai ficar como referência na Bahia e no Brasil.

Por último, quero dizer que a comunidade historiográfica precisa mobilizar-se, precisa ficar mais atenta, porque acho que nós perdemos alguns momentos para nos afirmar e aproveitar das efemérides. Eu acho que nos 500 anos a Bahia aproveitou pouco em termos de conservação da sua memória, de novas perspectivas para os acervos documentais, para os museus, enfim, para a memória histórica da Bahia.

Também em 2008, a realização daqueles eventos não resultou em muita coisa para a Bahia. Não sei, queridos colegas, professores de História, se 1815, a elevação do Brasil a Reino, existe algo que possa provocar uma novidade.

Agora, vêm aí os 200 anos da Independência, em 2023, e talvez essa data seja o grande momento para criarmos uma consciência, uma mobilização estadual para que a Bahia, efetivamente, cuide melhor do seu patrimônio histórico, do seu memorial. Afinal, esta cidade, esta região, este Estado foi, eu diria, a porta aberta para as grandes revoluções que aconteceram no início da modernidade. E, muitas vezes, nós andamos por Salvador sem a percepção do significado histórico dessa cidade.

Eu digo sempre aos meus alunos, quando eles vêm à Salvador, para que se lembrem de que estão na maior e mais importante cidade da modernidade nas Américas. Peço que olhem com outra sensibilidade para a Cidade do Salvador e também para o Recôncavo da Bahia, sem esquecer os sertões, porque afinal eu estou lá, agora, nos sertões, e, de lá, vejo o quanto poderíamos ter construído de presença física, de monumentos, de



memória nesta bela cidade, e neste belo espaço geográfico, também, que é o Recôncavo da Bahia.

Por isso, acho, professor Ubiratan, que também teremos a responsabilidade de, nesses anos vindouros, mobilizarmos as consciências para que tenhamos um grande planejamento e um grande evento por ocasião do bicentenário da Independência.

E lembrando também os sertões, já que hoje há uma vasta bibliografia, pois muitos pesquisadores procuram estabelecer um nexo de todos os espaços baianos, não mais aquela Bahia em pedaços, como dizia o nosso querido amigo Antônio Guerreiro, não mais uma Bahia de quatro cantos, mas uma Bahia integrada, com seu dinamismo sociocultural e, sobretudo, uma Bahia que tenha consciência de que é possível se construir um Estado mais justo, mais fraterno, igualitário e com mais cultura por todos os lugares.

Muito obrigado por essa oportunidade. E eu tenho certeza que nos encontraremos em outros eventos importantes como esse. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



0497-I

Ses. Esp. 08/04/11

Or. Evergton Salles

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Lourival Lomanto Junior):- Eu gostaria de parabenizar o deputado Zé Raimundo por essa justa homenagem à grande historiadora, Dr^a Kátia Mattoso, e convidá-lo para assumir a condução desta sessão especial, já que tenho um voo às 12 horas e não poderei continuar aqui.

Então, convido o deputado Zé Raimundo para assumir a presidência dos trabalhos.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Em continuidade a esta sessão, convido o professor Aderbal de Castro, subsecretário da Educação, também para integrar a Mesa de honra. (Palmas)

Como eu tinha colocado, acho que um dos objetivos desta sessão é colher os depoimentos dos amigos, das pessoas que conviveram com a nossa homenageada e, para iniciar essa sequência, convido e passo a palavra ao professor Dr. Evergton Salles, que é coordenador de mestrado da UFBa, pelo tempo de até 10 minutos.

O Sr. EVERGTON SALLES:- Em nome do deputado Zé Raimundo, proponente desta sessão, saúdo todos os membros da Mesa.

(Lê) *“Prezados senhores e senhoras, é uma grande honra para mim, que fui o último doutor formado por Dona Kátia na Universidade de Paris-Sorbonne, poder prestar esta homenagem à sua memória. O legado de Dona Kátia para a construção de um conhecimento mais sólido da História da Bahia e do Brasil é imenso, e esta sessão especial proposta pelo deputado José Raimundo Fontes, ele mesmo historiador, com quem tive o prazer de trabalhar em meus tempos de estudante da UFBa, é um justo reconhecimento desta Assembleia Legislativa da Bahia para com nossa mestra.*

Gostaria de lhes falar um pouco sobre a trajetória de Dona Kátia em Paris, especialmente dos tempos em que ocupou com tanto brilho a cátedra de História do Brasil da Universidade de Paris IV. Devo, antes, precisar alguns momentos e fatos que viriam a contribuir para isso.



A ligação dela com os meios acadêmicos parisienses se inicia em fins da década de 60, como ela mesma narra em entrevista concedida a Denis Rolland, publicada em português em seu Da Revolução dos Alfaiates à Riqueza dos Baianos no Século XIX. Sua permanência em Paris, por três meses, como pesquisadora do CNRS viria a ser muito importantes para o seu futuro enquanto historiadora. Foi durante esse período que ela se aproximou de Pierre Chaunu, Braudel e outros historiadores que, então, dirigiam a mais prestigiosa revista de história em escala internacional: Annales, Économies, Sociétés et Civilisations.

No decorrer dos anos 1970, suas relações com os meios acadêmicos franceses continuariam a se estreitar. Em meados daquela década, visitava a Bahia um grande historiador francês, especialista da Idade Moderna, e a direção da Aliança Francesa contatara Dona Kátia para ciceroneá-lo. O historiador era Jean Delumeau, eleito, havia pouco tempo, professor do Collège de France. Tomado de curiosidade pelo conhecimento que ela demonstrava sobre a história da Bahia e muito impressionado pelas inovadoras pesquisas que levava adiante sobre a escravidão no Brasil, Delumeau, que então dirigia a prestigiosa coleção Le Temps et les Hommes, na editora parisiense Hachette, convidou-a a escrever uma obra de conjunto sobre a escravidão no Brasil.

Desse convite nasceu o clássico Ser Escravo no Brasil, cuja primeira edição foi publicada em 1979, na referida coleção e que depois seria traduzido para o português e para o inglês, tornando-se, como disse o saudoso François Crouzet, um best-seller dos estudos históricos sobre o Brasil.

Dona Kátia afirmou que não foi exatamente uma adepta da École des Annales. Na verdade, antes de aproximar-se dos historiadores dos Annales, ela havia tido uma profícua troca de correspondências com Jacques Godechot e, sobretudo, ela havia tido uma profícua troca de correspondências com Jacques Godechot e, sobretudo, havia lido muitos estudos de historiadores e economistas. Não obstante este início de percurso da historiadora, nenhum de nós ignora o peso exercido pelo modelo historiográfico braudeliano em seus trabalhos. Permito-me mesmo afirmar que nenhum outro historiador brasileiro aplicou o modelo de uma história globalizante com tanta maestria quanto ela. A obra em que isto fica patente é



sem dúvida este opus magnum que é Bahia, século XIX Uma Província no Império, versão reduzida dos 5 volumes de sua tese de Doutorado de Estado. O Doutorado de Estado, alias, foi, por vários motivos, um marco na carreira de Dona Kátia. Primeiro, como ela mesmo dizia, por se constituir num desafio: vários dos seus colegas brasileiros falavam do doutorado de Estado francês como uma tarefa hercúlea, reservada a pouquíssimos. Isso, evidentemente, não a intimidou. Pelo contrário, parece tê-la estimulado a se lançar na aventura que faria dela a primeira brasileira a defender um doutorado de Estado em História na França. Au nouveau monde: une province d'un nouvel empire: Bahia au XIX siècle, com suas 1.555 páginas era, como disse seu orientador, uma grande tese em todos os sentidos do termo.

A qualidade da tese, bem como a seriedade e competência da autora, foram fundamentais para que, pouco tempo depois, fosse criada a primeira cátedra de História do Brasil na Universidade de Paris. A professora Maria Yeda Linhares não parece ter exagerado ao dizer que a cátedra havia sido criada para Kátia Mattoso. Seja como for, o certo é que isto não despertou nenhum tipo de narcisismo nela, pois seu compromisso, como veremos, era de outra natureza.

Ao longo de 12 anos como catedrática de História do Brasil, ela soube empreender uma dinâmica de trabalho invejável. Não obstante todas as dificuldades inerentes ao desafio de despertar o interesse de jovens estudantes por um país distante e pouco presente na realidade da sociedade francesa, nossa mestra soube cativar a atenção de jovens estudantes franceses, bem como montar em torno de si um grupo de pesquisadores interessados em difundir a história do Brasil na França. Foi deste modo que ela orientou numerosos trabalhos de mestrado e de DEA, correspondentes ao nosso mestrado, e 12 teses de doutorado. O trabalho de difusão do interesse pela história do Brasil na França não excluiu sua preocupação com a formação de historiadores brasileiros. Num primeiro momento de sua trajetória na Sorbonne, Kátia Mattoso teve como orientandos no doutorado vários dos seus antigos alunos baianos, dentre eles o próprio Ubiratan Castro de Araújo, Antônio Fernando Guerreiro e Inês Cortes de Oliveira. Orientou também vários outros doutorandos das mais diversas partes do Brasil. Também coorientou muitos alunos que



foram estudar na França com bolsa sanduíche. Os seminários coordenados por ela jamais deixaram de ter grande público formado por estudantes e especialistas em História do Brasil. Nesses mesmos seminários, eram frequentes as participações de intelectuais brasileiros que, em suas passagens por Paris, eram convidados por ela a proferir conferências e palestras ou iam espontaneamente por saberem que iriam encontrar ali um lugar de profícuo debate sobre temas relativos ao Brasil.

Em Paris, Dona Kátia também desenvolveu importantes laços de afinidade intelectual que são indicativos do seu percurso acadêmico. Em primeiro lugar, há o estrito círculo dos historiadores do Centro Roland Mousnier, do qual ela fazia parte. Ali estavam alguns daqueles que a acolheram quando dos seus estudos para a realização de sua tese de Doutorado de Estado. O mais próximo deles, sem dúvida, seu orientador e grande amigo, François Crouzet, especialista de história econômica, em particular da Inglaterra dos séculos XVIII e XIX. Foi ela que, anos mais tarde, em 1999, por ocasião da aposentadoria do mestre, organizou um volume com contribuições de ex-orientandos e colegas. Pouco tempo depois, seria a vez de ele dirigir, junto com Denis Rolland e Philippe Bonnichon, um livro em sua homenagem, intitulado 'Pour l 'histoire du Brésil', obra que, permitam-me dizer, já deveria ter sido traduzida para a língua portuguesa. Além de Crouzet, Pierre Chaunu, Jean Béranger, Yves Bercé, Philippe Bonnichon, dentre outros, foram colegas que, não obstante suas diferentes especialidades, jamais deixaram de ter uma troca muito rica de experiências com nossa homenageada.

Talvez uma das ligações intelectuais de dona Kátia menos conhecidas entre nós brasileiros seja a que nutriu por Alphonse Dupront, intelectual de primeira grandeza, mas cuja fecundidade do pensamento parece ter ficado, por muito tempo, oculta a um público mais amplo, em parte por vontade do próprio autor. Dona Kátia fez parte da Société des Amis d'Alphonse Dupront, tendo inclusive escrito um ensaio, que um dia me confidenciou ser um dos seus preferidos, num livro em sua homenagem. Não saberia lhes dizer quando nasceu esta admiração pelo pensamento de Dupront, mas penso que ela é verdadeiramente demonstrativa da imensa capacidade que ela tinha de interessar-se por diferentes temas e objetos, bem como por diferentes abordagens da história. Para aqueles que se acostumaram



à imagem de uma historiadora do econômico e do social, é difícil entender seu interesse por esse historiador-filósofo, como ela mesmo o designava, interessado por objetos não imediatos, cravados na profundidade do pensamento humano, a exemplo do mito de cruzada explorado em sua legendária tese de doutorado defendida em 1956 e que ficou inédita até 1997. Asseguro-lhes, contudo, que para o jovem historiador que se interessava, sob sua orientação, por um espinhoso tema da história religiosa, sua cultura, erudição e curiosidade eram verdadeiras dádivas.

Penso que um dos maiores desafios de dona Kátia na Universidade de Paris tenha ocorrido no momento de sua aposentadoria compulsória. Naquela altura iria revelar-se o seu profundo compromisso com a defesa do ensino de História do Brasil na França, ou para melhor dizer, com a manutenção de um espaço privilegiado de visibilidade do nosso País na Europa. Diante de pressões para fundir a cátedra de História do Brasil com outras de História da América Latina, mostrou-se irredutível em sua defesa da continuidade da Cátedra, tendo mesmo chegado a ameaçar renunciar o emeritato que lhe foi oferecido pela Sorbonne caso se consolidasse a intenção de alguns de extinguirem-na. Ela soube usar de sua influência junto as autoridades governamentais brasileiras e, em articulação com a embaixada brasileira em Paris, conseguiu fazer com que o governo brasileiro assinalasse, à época, seu desejo de que aquela cadeira continuasse a existir, tendo o próprio presidente da República escrito carta a este respeito àquela universidade. Feita a sucessão, tendo assumido a cátedra o professor Luiz Felipe Alencastro, dona Kátia ainda se preocupou em pedir a todos os seus ex-alunos, bem como ao único doutorando que permaneceu sob sua orientação após ter-se aposentado, que prestigiassem o seminário de História do Brasil da Sorbonne, a fim de garantir uma transição mais tranquila para o seu sucessor na cátedra.

Engana-se aquele que pensa ter terminado aí sua preocupação com o assunto. Sempre atenta ao que ocorria no meio universitário, em algumas de nossas últimas conversas, no ano passado, ela manifestava sua inquietação em relação ao futuro da cátedra, dizendo-se, entretanto, disposta a fazer, como outrora, todos os esforços para a sua continuidade.



Neste meu discurso pretendi ater-me a alguns aspectos da trajetória intelectual de minha orientadora. Gostaria, entretanto, antes de terminá-lo, de lembrar algo que me parece importante. Ao longo de sua jornada parisiense dona Kátia pode contar com a amizade e cumplicidade de Jacqueline Donel que, embora não tenha seguido a carreira intelectual, sempre demonstrou seus sólidos conhecimentos de história, tanto em suas intervenções no seminário de História do Brasil na Sorbonne, que seguia com muita frequência, quanto na correção gramatical das teses de orientandos de Dona Kátia, a exemplo da tese deste que ora vos fala. Sem esta amizade sincera, o caminho trilhado por nossa mestra teria sido provavelmente mais difícil. Foi Dona Jacqueline, aliás, que me lembrou do desejo de nossa homenageada de que o restante de sua biblioteca, bem como seus dossiês e anotações acumulados ao longo de tantos anos de pesquisa e atividade acadêmica viessem para a Bahia e pudessem ficar à disposição dos pesquisadores. Nesse sentido, lanço aqui um apelo para que juntos, UFBA, Fundação Pedro Calmon e Assembleia Legislativa, viabilizemos a vinda desse material de inestimável importância para a Bahia.

Por fim, enquanto último doutor formado por Kátia Mattoso, talvez seja eu o que mais fico a lhe dever e a sentir sua ausência. Para além de minha profunda gratidão, espero ter força e competência para honrar a sua memória.

Muito obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

**0498-I****Ses. Esp. 08/04/11****Or. João José Reis****Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.**

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Gostaria de registrar a presença de funcionários da Fundação Pedro Calmon, funcionários e alunos da UFBA, da UCSAL; a presença do Diretor da SEI, professor Dr. Geraldo Reis, funcionários do Arquivo Público do Estado; Vital Bento, vereador do PT, de Nova Canaã, sudoeste da Bahia; professor Dr. Luiz Mott, do Departamento de Antropologia da UFBA; professor Dr. Sílvio Mattoso, viúvo da homenageada; Pedro Mendonça, neto da homenageada; Marcos Mendonça, genro da homenageada; Maria Regina Mattoso, esposa do Dr. Sílvio Mattoso; Ronaldo Rodrigues, do Sindicato dos Químicos e Petroleiros da Bahia; Sr. Vice-Presidente da Academia de Letras Jurídicas, Dr. Geraldo Sobral presente também neste ato; Michalis Halaris, neto também da homenageada.

Em prosseguimento a nossa sessão, eu concedo a palavra ao professor Dr. João José Reis, por um tempo de até 10 minutos, mas naturalmente para a sequência necessária para que o raciocínio se complete.

O Sr. JOÃO JOSÉ REIS:- Bom dia a todos. Queria cumprimentar nominalmente o deputado Zé Raimundo pela ideia, por ter proposto esta sessão a seus pares, ao professor Ubiratan Castro de Araújo, que teve a ideia desta sessão, a ideia do prêmio que hoje aqui, imagino, será lançado; Dr. Waldir Pires, nosso ex-governador; Tereza Cristina, filha de Dona Kátia; demais membros da Mesa.

(Lê)) *“Kátia Mattoso marcou a historiografia baiana em diversos aspectos.*

Salvo engano suas publicações sobre a Bahia começaram por seu interesse pela sedição baiana de 1798. Lançando mão de uma bibliografia então atualizada sobre a revolução francesa, além de documentos produzidos no calor do processo revolucionário da França, ela identificou e analisou os textos que influenciaram os conspiradores da inconfidência baiana a escrever seus pasquins sediciosos. No livro em que D. Kátia historiou o assunto, Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798 (1969),



percebe-se a influência de sua formação enquanto doutora em Ciência Política pela Universidade de Lovsam, uma vez que se trata, sobretudo, de uma discussão sobre o discurso político na Conspiração dos Alfaiates, ou dos Búzios, a que me referi anteriormente.

Seus trabalhos na área de História Econômica e Social viriam mais tarde, quando ela se lançou na pesquisa de documentos da Santa Casa de Misericórdia de Salvador para analisar o movimento dos preços e salários inspirada, em grande parte, na obra de Ernest Labrousse. Aqui temos d. Kátia, como gostaríamos de chamá-la carinhosamente como historiadora econômica, filiada à metodologia quantitativa muito em voga na França dos anos 1960 e 70. A mesma metodologia ela trouxe para seus trabalhos no campo da História Social, agora lançando mão de testamentos e inventários post-mortem para esclarecer a estratificação socioeconômica, ou os "níveis de riqueza", como ela se referia, na Bahia oitocentista, bastante inspirada neste caso na historiadora de Adeline Daumard. Kátia seria a primeira historiadora no Brasil a lançar mão, sistematicamente, desse tipo de fonte. Testamentos e inventários depois os historiadores do Sul começaram a usar.

Foi a partir dessa documentação que ela escreveu dois artigos pioneiros sobre a população escrava e alforriada, traçando o perfil da primeira, quantificando gênero, idade, ocupação, preço etc – enquanto "um grupo social"; bem à maneira sociológica com que ela gostava de abordar esses temas também traçou um perfil da segunda, as libertos, no qual adentrava o estudo da família e da mentalidade, sobretudo sua dimensão religiosa. Esses estudos foram mais tarde ampliados e aprofundados por suas orientandas Maria José Andrade, num livro muito importante chamado “Mão-de-Obra Escrava em Salvador”, e Inês Cortes de Oliveira, na sua tese de doutorado orientada pela Dra. Kátia Mattoso. Foi ela, ainda, a pioneira no estudo também quantitativo das cartas de alforria, ao publicar, em meados da década de 1970, artigo no qual descrevia as características básicas dos escravos alforriados, as condições da alforria, se alforria gratuita ou paga, e a flutuação do preço da liberdade entre meados do século XVIII e meados do XIX.

Esses estudos mais antigos da professora, artigos e alguns capítulos em coletâneas, publicados em revistas acadêmicas às vezes obscuras, algumas já defuntas, ou



coletâneas de pouquíssima circulação, enfim esses estudos foram reunidos — ao lado de alguns mais recentes foram republicados na coletânea já mencionada pelo nosso colega Evergton — no livro “Da Revolução dos Alfaiates riqueza dos baianos no século XIX” (2004), que é um muito importante da primeira etapa da história intelectual de Kátia Mattoso aqui na Bahia.

Mas a primeira obra de grande fôlego da professora foi “Bahia: Salvador e seu mercado no século XIX” (1978), que começava a realizar um ambicioso projeto de história total inspirada em Fernand Braudel, começando com geografia (geologia até!), tratando de demografia, família, hierarquias sociais, estrutura e conjunturas econômicas, destacando preços e salários, entre outros temas. Esta obra pode ser considerada um ensaio para sua tese de Estado, depois publicada no Brasil como “Bahia, século XIX: uma província no Império” (1992), em que a maioria dos temas do livro anterior é retomada, aprofundada, ampliada, e outros temas acrescentados.

Aqui, por exemplo, temos um estudo quantitativo seminal sobre hierarquias socioeconômicas, cobrindo todo o século XIX, minha porção predileta do livro. A historiadora também discute história...” a minha porção predileta desse livro grandioso, que é também afetivamente conhecido como o Mattosão, tem 700 ou mais páginas.

(Lê) “política local e suas conexões imperiais, sobretudo a projeção que a Bahia teve no II Império, através de políticos muito ativos e importantes na direção do Brasil naquela época.

A parte sobre família (que havia sido publicada anteriormente a este livro como livro independente), pela editora Corrupio também era uma novidade em relação ao livro anterior. Enfim, Bahia, Século XIX representa, provavelmente, o livro mais importante para quem deseje começar a entender esse período da história baiana, por sua abrangência rigorosa, metodologia, interpretações, sugestões, ela abre muitas pistas que foram depois retomadas, controle das fontes primárias, enfim, a densidade e o rigor seu rigor para não falar de seu estilo claro e criativo.

Kátia Mattoso é com justiça festejada como importante intérprete da escravidão brasileira, embora, no conjunto, tivesse provavelmente escrito mais sobre outros temas,



sobretudo devido ao grosso volume que acabo de comentar, onde a escravidão entra, sim, mas como uma parte de um conjunto amplo de temas. Conforme já indiquei, ela foi pioneira no uso de fontes "quantitativas" para o estudo sistemático da escravidão na Bahia. Mas foi com seu livro Ser escravo no Brasil (1ª edição na França, 1979, também editado no Brasil e nos Estados Unidos), foi ali que ela mais contribuiu para a historiografia da escravidão. Escrito para o grande público, não tem notas de rodapé. Nesse livro ela buscou ampliar tanto a perspectiva temática e metodológica, como a geográfica, embora as partes mais "fortes" da obra sejam exatamente aquelas que destacam a escravidão baiana, principalmente a escravidão em Salvador, que era seu campo de pesquisa privilegiado. A contribuição conceitual, digamos, desse trabalho é sugerir uma visão das relações escravistas em toda sua complexidade, a complexidade que só quem estudou cuidadosamente as fontes primárias pode pretender alcançar e com isso evitar as fórmulas fáceis e muitas vezes grosseiras.

D. Kátia, solidamente baseada em sua experiência de arquivo, propunha que o escravo não devia ser encarado como uma vítima absoluta da escravidão, mas personagem consciente que soube desenvolver estratégias de sobrevivência e negociação no sentido de ampliar espaços de autonomia econômica, social e cultural, ainda sob o cativeiro, mas também buscando superar o cativeiro. Sem esquecer o chicote do senhor, ela entendeu que a escravidão era baseada em outros métodos mais sutis de dominação, e por isso experimentou a escravidão a vida longa que teve em nosso País, o ultimo das Américas a fazer a abolição. Sem esquecer a revolta, d. Kátia percebeu que os escravos desenvolveram métodos mais sutis de resistência. Essas lições nunca mais seriam esquecidas pelas gerações seguintes de historiadores da escravidão no Brasil.

Essa avaliação sumária, sumaríssima, da obra de Kátia Mattoso é também incompleta porque não trata de seus escritos e interesses de pesquisa depois que ela se estabeleceu definitivamente em Paris como professora da Sorbonne, algo que já foi aqui tratado pelo nosso colega Evergton. Mas foram principalmente esses títulos, sem dúvida que mais influenciaram a historiografia baiana nas últimas décadas, eles que justificam primeiramente a homenagem que hoje aqui se faz ao se instituir o Prêmio Kátia Mattoso.”



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



0499-I

Ses. Esp. 08/03/11

Or. Waldir Pires

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Gostaria de registrar as presenças da deputada Kelly Magalhães, presidente da Comissão de Educação, por favor, Kelly, venha compor a Mesa; deputado Deraldo Damasceno; deputado Álvaro Gomes.

Em prosseguimento, concedo a palavra ao ex-governador da Bahia, o nosso querido Dr. Waldir Pires.

O Sr. WALDIR PIRES:- Sr. Presidente, Zé Raimundo, que é inclusive o autor da convocação dessa homenagem à Kátia Mattoso, meus caros companheiros da Mesa, cumprimento todos na pessoa também do nosso presidente, minhas amigas e companheiras, meus amigos e companheiros do Plenário, a minha relação com Kátia Mattoso foi um episódio extraordinário para a minha compreensão dos trabalhos de história.

A mim, pareceu-me sempre, para quem pensa política é preciso ter a história na cabeça, compreendê-la, saber que é no processo histórico que teremos ou não teremos uma condução das aspirações políticas da humanidade do nosso tempo. As aspirações políticas de sempre, a ideia do que é a política. Na história como tantas profundas omissões são feitas sobre o que é a política. De forma que tive oportunidade, quando era governador, de convidar, receber Kátia na chamada residência de Ondina e ficávamos conversando, bebendo um vinho, que ela gostava enormemente e que eu tinha aprendido a gostar no meu período de vida na França.

Na minha geração, aqui entre nós, não bebíamos vinho nenhum. De modo que a minha área então, aqui nordestina, nem tínhamos noção do que é que seria vinho ou não. Tomei vinho e conheci que era um vinho da uva tannat no Uruguai. Excelente, inclusive. Depois, as circunstâncias da vida me conduziram para a Europa. Vivi na Europa, depois do período Uruguaio, viver por 5 anos, trabalhando na universidade, dando um curso no meu setor, setor de direito público. Tinha passado um bom período aqui como professor da Católica, ensinando direito constitucional e, depois, em Brasília no período do golpe. Exerci



uma função política, era consultor-geral da República, mas também regendo a cadeira de direito constitucional da UnB e como coordenador-geral dos cursos de direito.

No Uruguai, não foi possível arranjar emprego para trabalhar. Cinco filhos, uma escadinha muito curta que meus amigos conhecem, são cinco crianças, o mais novo tinha dois anos e a mais velha tinha 11. De modo que era preciso trabalhar. Era preciso ter emprego. Eu me candidatei a ser professor na França e fui professor na Faculdade de Direito, na Universidade de Dijon. Isso me relacionava muito também com Kátia, dando um curso de Direito Público Comparado e um curso de Problemas das instituições latino-americanas e, na Universidade de Paris, no Instituto de Altos Estudos da América Latina, eu dava um curso de pós-graduação de Instituições Políticas da América Latina, até o instante em que voltei para o Brasil.

Fizemos uma relação muito boa, mas não conheci Kátia nesse período na França; nesse período ela estava trabalhando aqui no Brasil. Uma figura lúcida, extremamente inteligente, com uma formação política bastante razoável.

Ouvimos aqui as palavras do professor Evergton e do professor João José detalhadamente e competentemente. Pareceu-me sempre que Kátia tinha essa formação, ela era a historiadora um pouco rara naquele período, uma historiadora que buscava refletir sobre a história, analisando, essencialmente, as bases reais das relações humanas, tanto fazendo um estudo cuidadoso das relações sociais, das relações econômicas, das relações em todos os campos da atividade humana para caracterizar o que é a história, como a história se processa. Ela é uma historiadora na vanguarda dessas preocupações; aqui no Brasil foi, talvez, uma das precursoras.

Claro que na Europa, no mundo anglo-saxão, e também na França, a história era muito buscada ser interpretada, definida e julgada na base desses conhecimentos econômicos.

“Bahia, século XIX”, de Kátia, é realmente uma obra extraordinária que nos ajudou a compreender como se processou e como se deu toda a terrível passagem do período de escravidão no Brasil, ao ponto de termos essa marca brutal - nós fomos o último país do



Ocidente a ter acabado com a escravatura - e o tipo das relações sociais, relações econômicas dominantes nas áreas dominantes da realidade baiana, da realidade brasileira.

Kátia busca instrumentar o seu raciocínio à base de um esforço muito grande de levantamento daqueles milhares de cartas de alforria, milhares de inventários de famílias, milhares de testamentos; à base disso, estudou toda a realidade social de uma sociedade tão profundamente excludente, como fomos, marca terrível de uma primeira etapa da vida brasileira e que nos sinalizou o processo de nossa cultura e de nossa vida de forma muito grave, muito grave. Conheci nosso Ubiratan, estivemos juntos pela primeira vez, em Paris, ele na Sorbonne. E lá, com um encantamento enorme, Kátia me apresentou a Ubiratan. Nos conhecemos lá para nos tornarmos amigos, e eu um admirador permanente de Ubiratan.

Esta posição de Kátia de ser uma historiadora que tinha uma base de experiência e de estudo de ciência política preliminar nos trouxe a possibilidade de compreender a gravidade do que viveu um País como o Brasil e uma terra como a Bahia, durante toda a fase da escravidão. Temos aspectos que são brutais! Até no processo em que se viabilizou, em que se pretendeu viabilizar o fim da escravidão fizemos coisas absolutamente inimagináveis e que, sem nenhuma capacidade crítica, aprendemos na condição de alunos Me lembro de quando eu era menino, no interior da Bahia, aprendendo história do Brasil, e davam esta indicação como uma coisa generosa a ser feita, a exemplo da primeira Lei dos Sexagenários, que é uma coisa de uma brutalidade total, total! Tal lei não estava acompanhada de nenhum gesto, de nenhuma medida que pudesse resultar na redução da exclusão social terrível. Em seguida, na escravidão, a Lei do Ventre Livre, que é outra coisa brutal, cruel, separar o filho da mãe para autorizar a libertação. Herdamos essas marcas da sociedade excludente e temos o dever de reconstruir essa sociedade por via da política, do exercício democrático das liberdades e da consciência dos cidadãos.

Tudo isso constituiu, digamos assim, o núcleo e a permanência das conversas que as tive com Kátia, grande mulher, grande professora, grande historiadora. Muito bom que se esteja fazendo esta homenagem e que se estabeleça a forma de tê-la presente na memória e no estímulo da juventude que estuda História. Kátia Mattoso era uma personalidade singular, inteligente e bonita da vida cultural brasileira. (Palmas)



ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA

DIVISÃO DE TAQUIGRAFIA

(Não foi revisto pelo orador.)



0500-I

Ses. Ord. 08/04/11

Or. Consuelo Pondé

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Gostaríamos de registrar a presença de Kátia Fraga, representando, neste ato, o presidente da Fundação Gregório de Mattos, Sr. Ipojuca Cabral.

Dando seguimento aos trabalhos, concedo a palavra à presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, professora Consuelo Pondé. (Palmas)

A Sr^a CONSUELO PONDÉ:- Sr. Presidente da Mesa e autor da proposta de concessão desta homenagem à grande historiadora Kátia Mattoso, peço desculpa a todos, porque estou improvisando. Na realidade, recebi o convite, que me foi passado via *e-mail* por Tereza Cristina, ontem à noite, e não tive tempo de preparar nada. Além disso, falar depois de Evergton, Waldir e João Reis é um pouco constrangedor. Mas, de qualquer maneira, não poderia ficar calada, porque Kátia Mattoso sempre foi associada do Instituto Geográfico Histórico da Bahia, sempre que vinha à Bahia costumava me visitar, ajudou-me muito na ocasião em que fiz minha tese sobre Itapicuru. Ela me deu muitas sugestões e a procurei várias vezes, frequentei sua casa, mas nunca fui sua aluna, salvo num curso especial que ela deu na Universidade Católica, que eu assisti.

De modo que as impressões que tenho de Kátia são exatamente aquelas ligadas a uma aproximação pessoal muito grande, eletiva. Ela recebia frequentemente alunos que não eram seus, mas de outras faculdades, como eu, por exemplo, que fui da UFBA, ela não lecionava lá naquela época. Na verdade, parece que nunca lecionou como professora regular, mas, de qualquer maneira, era uma referência.

Lembro-me de quando fui nomeada diretora do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, em 1974, telefonei para ela, da casa do professor Frederico Edelweiss, e disse: “Kátia, pessoa alguma que vá fazer qualquer trabalho que envolva cultura baiana pode dispensar sua colaboração, porque você é uma referência para todos nós”.



Ela foi extremamente cordial e afetiva, indicou-me várias pessoas para que eu recebesse no Centro de Estudos Baianos, inclusive o professor Alberto Sobur; indicou-me também Adeline Domar, que chegou a fazer cinco palestras sobre História Social no Centro de Estudos Baianos, que depois foram traduzidas e publicadas. Convidou-me a conhecer outros professores franceses que visitavam a Bahia e, de certa maneira, me estimulou muito não a tomar conta do Instituto Histórico, com isso ela ficou penalizada...

De qualquer maneira recebi duas mensagens de pêsames quando assumi o Instituto Histórico, uma foi dela e a outra do professor Carlos Zotti. Este telefonou para me dizer que estava dando pêsames porque sabia que eu iria pegar um pepino que não tinha mais tamanho. Realmente o veredicto se cumpriu. De modo que estou lá na luta diária.

Mas Kátia Mattoso foi uma amiga sempre muito próxima. Tenho dedicatórias muito carinhosas que ela me fez em seus livros. Sou muito grata às lições que dela recebi quando me ajudou a fazer minha tese sobre Itapicuru, de 1830 a 1896.

Lembro-me que a Universidade Federal da Bahia estava recebendo o primeiro computador naquela ocasião, e ela me sugeriu fazer um levantamento muito grande sobre a população de Itapicuru. Paguei a estagiários do meu próprio bolso, já que naquele tempo não havia essas bolsas concedidas pelo CNPq, que depois se multiplicaram. Pois bem, fiz uma pesquisa extensa sobre a população daquela cidade. Só que na hora de fazer a tese ninguém sabia processar a documentação, então perdi toda a documentação e o levantamento demográfico que ela sugeriu que eu fizesse. E perdi por falta de quem operacionalizasse aquelas contagens e aqueles documentos.

Então, o que tenho a dizer aqui é sobre a minha profunda gratidão à professora Kátia Mattoso, minha amizade nunca desmentida. A última vez que ela esteve aqui na Bahia nós almoçamos na Perini, e eu a convidei a conversarmos um pouco. Aí ela foi comigo ao Instituto Histórico e depois ela me disse: “Eu me considero baiana, tanto assim que quero me transferir para cá. Quero comprar um apartamento para morar aqui”. Foi a última vez que nós conversamos mais demoradamente sobre a Bahia.

Naturalmente, contei as minha lamúrias em relação ao Instituto Histórico. Ela disse: “Eu bem que te avisei que você, realmente, iria enfrentar uma situação muito difícil.”



Porque foi assim, como um mandato oferecido, entregue pelo Dr. Jorge Calmon, para salvação da instituição que irá completar 117 anos.

Peço desculpas por ter feito este improviso tão desarrumado, desatrelado de tudo o que foi dito antes. Tenho os livros de Kátia Mattoso com dedicatórias especiais. Eu os li todos. Acho que são fundamentais para a cultura baiana e brasileira. Como uma pessoa que acolheu sua palavra, escutou suas lições, quero demonstrar a sua família a minha profunda gratidão. E o fato de ela não ter nunca, em tempo algum, desmerecido ser sócia do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



0501-I

Ses. Esp. 08/04/11

Or. Teresa Mattoso

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Gostaríamos de registrar a presença da Drª Elaine Ferraz, superintendente da Secretaria de Combate à Pobreza e Desenvolvimento Social, também a presença honrosa do professor, compositor e músico Fábio Paz.

Passo a palavra à filha da Drª Kátia Mattoso, Teresa Mattoso.

A **Srª TERESA MATTOSO**:-Bom-dia a todos, gostaria, primeiramente, de agradecer ao deputado Zé Raimundo por esta justa e merecida homenagem a minha mãe, cumprimentar a todos os componentes da Mesa, agradecer a presença de todos vocês, amigos, família, alunos, admiradores.

Depois de tudo o que foi dito sobre a minha mãe, a historiadora Kátia de Queirós Mattoso, a mim cabe falar da mãe. Mas para falar de minha mãe não posso dissociar a imagem da professora. Durante muitos anos eu convivi na minha casa com os seus alunos, que vinham e faziam parte da família. Como éramos duas irmãs, na verdade eles, para mim, não eram os alunos de minha mãe. Eu só fui perceber isso mais tarde. Eles eram os meus irmãos e minha irmãs, porque a minha mãe, como professora, os tratava assim como a nós, filhas, com muita rigidez e sempre querendo tirar deles o melhor, como sempre fez comigo e minha irmã. Então, eu ganhei irmãos, hoje posso dizer. Infelizmente não convivi com aqueles que não tiveram este prazer de estar em nossa casa, de compartilhar os momentos em que eu, de longe, ficava olhando as cadeiras arrumadas na sala. Era o dia em que os alunos chegariam. Ficávamos olhando curiosos e, às vezes, escutando aquelas discussões que, na época, não entendíamos. Tenho três irmãos comigo aqui, Bira, João e Guerreiro.

Falar de minha mãe, hoje, é muito difícil para mim, não só pelo pouco tempo que ela nos deixou, mas também porque hoje é um dia especial, dia do seu aniversário. Eu pude e posso dizer a vocês, de coração, que vim entender minha mãe a partir do dia em que fui mãe e saber que queremos para os nossos filhos sempre o melhor. Quando somos filhos, questionamos: Por que minha mãe está fazendo isso comigo?” Por que minha mãe faz esse



tipo de comentário? Por que minha mãe faz essas escolhas? Só depois que amadurecemos é que damos valor àquilo que foi passado para nós.

Então, hoje, depois de adulta, reconheço que minha mãe fez as escolhas dela, e digo de coração que ela fez as escolhas certas. Foi uma mulher maravilhosa, uma mãe fantástica, uma avó fenomenal, porque o que ela proporcionou aos meus filhos e aos filhos de minha irmã, acho que nada neste mundo pode mensurar o que ela fez por eles.

Infelizmente, ela só soube que teve um bisneto, não chegou a vê-lo. Mas minha mãe era maravilhosa, era tudo, e me fará muita falta, não só a mim, mas aos meus filhos, aos amigos, a todas as pessoas que tiveram a oportunidade de conviver com ela.

Agradeço a vocês, mais uma vez, por suas presenças.

Desculpem-me, mas sou assim mesmo, maria chorona, e ela sabia muito bem disso, que eu era uma manteiga derretida, como ela dizia. (Palmas)

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)



0502-I

Ses. Esp. 08/04/11

Or. Ubiratan Castro

Homenagem a memória da historiadora Kátia Maria de Queiroz Mattoso.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo):- Passo a palavra ao responsável, na verdade, por esta sessão, que é o nosso querido professor Ubiratan Castro, diretor da Fundação Pedro Calmon, e, neste ato, também representante do secretário da Cultura do Estado da Bahia.

O Sr. UBIRATAN CASTRO:- Bom-dia a todos e a todas que participam desta sessão. Não é agradecimento, mas é a proclamação da minha alegria em ter no Parlamento, na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, o companheiro, amigo, irmão Zé Raimundo Fontes, que, ao mesmo tempo que é um político de sucesso, ex-prefeito de Conquista, lá pelos sertões, é também um intelectual da mais fina formação. Chegávamos até a brincar, dizendo que ele era um intelectual do Século XIX pela postura solene e dedicada que, com muita sensibilidade, encampou esse trabalho em memória da doutora e professora Kátia Mattoso, da nossa querida D. Kátia.

Portanto, ele é um parceiro, um historiador político.

Permitam-me sentar, porque o peso e a idade me impedem ficar em pé, não por desrespeito à sessão, sabe Zé?

Mas quero dizer a vocês que é uma boa parceria, e de futuro, e que V.Ex^a, além de amigo, é um deputado que pode contar com o nosso apoio, nosso empenho para que o seu mandato seja diferenciado, por ser um historiador, doutor em História, homem de cultura que assumiu tarefas políticas. Portanto, estamos a seu lado.

Meus agradecimentos a todos os colegas que estão aqui, sentados; às palavras de Tereza Cristina, que não poderia deixar de estar emocionada, enfim; à presença de Dr. Waldir, essa figura paternal que sempre nos orientou; e dizer a vocês que a trajetória intelectual de Kátia Queirós Mattoso...

Aliás pelo seu antigo nome, que o nosso professor, Sílvio Mattoso, fez-me lembrar: *Kiriacula Kátia Demeter Mitileneu de Queirós Mattoso*, nome de rainha.



Essa trajetória foi muito bem analisada pelo nosso querido colega Jorge Evergton Salles. Aqui dizemos que é o nosso caçula, o caçulinha da nossa turma; meu querido amigo e irmão, João José Reis, que com o seu rigor vindo não somente de Kátia Mattoso, mas da Academia Americana, soube muito bem fazer um *paper* preciso e rico sobre a trajetória de Kátia Mattoso; meu querido amigo Antônio Fernando Guerreiro que, como um grande sertanejo, está calado, mas espero que ele fale; ele foi o nosso companheiro e amigo de turma, e a primeira tese defendida na Sorbone sobre orientação de Kátia Mattoso, foi o mais rápido no gatilho, mas, também, produziu um trabalho de primeira grandeza sobre o sertão. Ele é a abertura para o *Sertão* de Kátia Mattoso, para todo estado.

A minha tarefa depois de apresentações tão ricas e precisas é muito mais para falar da pessoa de Kátia Mattoso. Também fui aluno dela desde os 18 anos. Antes de entrar na Universidade já havia tido contato com Dr^a Kátia, ela foi quem corrigiu as duas provas de vestibular em Direito e em História, essa foi a razão da minha aproximação. Tive a honra de merecer 10 na prova de História do Brasil e de História Geral, na Católica, e outro 10 na prova de História de Direito. Depois disso, ela meteu na cabeça que tinha de fazer de mim um historiador. Apesar de ter feito as duas formações, evidente, que se hoje sou um profissional de História devo à persistência e autoridade de D. Kátia que sempre fez o possível para que eu fosse historiador.

Qual o meu papel hoje ao falar de Kátia Mattoso? É buscar os elementos que justificam a projeção para o futuro do exemplo de Kátia Mattoso. Como dizia a famosa carta de Getúlio Vargas: “Saí da vida para entrar na História”. Então D. Kátia saiu da vida, mas, além de fazer história de uma maneira pródiga e maravilhosa, também irá entrar na história e deve entrar na história de todos aqueles pesquisadores estudiosos cientistas sociais que ajudaram a pensar o Brasil e a Bahia.

Portanto, o que devemos projetar para o futuro de Kátia Mattoso?

Em primeiro lugar, a figura humana extremamente generosa e voltada para a formação de outras pessoas. Nesse sentido, quando Teresa fala que somos seus irmãos, tem toda razão, porque D. Kátia jamais tratou o aluno como um consumidor de conhecimento, um inferior intelectual, ou uma figura administrativa a quem se ministra notas e conteúdos.



Ela sempre nos tratou, a todos, como filhos, no sentido de que ela assumia a responsabilidade da nossa formação, de como devíamos nos comportar, pensar e agir em que direção? Em uma direção muito clara. A formação de um profissional de História, um historiador. Isso para nós foi um choque, porque, a rigor, vou confessar que ao preparar-me para o vestibular tinha na cabeça uma grande amor pela História, era o que eu mais gostava de ler, era o que mais me atraía a minha atenção.

Mas confesso que jamais vi a História como profissão. Então, a minha profissão era Direito, ser advogado, quem sabe, juiz, promotor, ser como Dr. Waldir, um jurista. A História era uma espécie de adereço, pois nos formamos em Direito e pretendíamos dar umas “aulinhas de História” para não perder e isso ela revirou inteiramente.

A História não é um adereço, não é um complemento, não é uma diversão. A História é uma profissão que exige dedicação completa, que exige formação, que exige postura e que exige dedicação. Então, nesse sentido, ela construiu uma referência de um historiador profissional, coisa que não era comum na Bahia do nosso tempo. Os historiadores todos eram educadores, advogados, políticos brilhantes, que, na sua aposentadoria ou nas suas horas vagas, faziam História, e não historiadores que deviam cumprir todo seu ritual de iniciação e de formação. Então, esse é um primeiro dado.

O segundo dado que também nos impactou bastante foi a sua preocupação com o desempenho técnico e científico específico. Ser historiador não é ser apenas erudito; não é apenas ter conhecimento de várias obras, mas é estar formado tecnicamente para o exercício da sua profissão. E, aí, desde os 18 anos que ela me botou no Arquivo Público: “tem que aprender a mexer”. Não é, Ritinha? Dr^a Rita, que mexe com arquivo. Mexer em todos os papéis velhos, enfrentar fungo, enfrentar dificuldade, quantificar, seriar, enfim, na verdade, o trabalho de historiador é um trabalho também um trabalho de técnica, sem isso não há História, sem evidências não há História, ninguém tira História da cabeça por genialidade, nem pelo sonho, nem por revelação do Divino Espírito Santo. A História sai de um trabalho. E um trabalho com método. Então, a noção de método, também, é fundamental. Método no sentido mais estrito de procedimentos, mas método também no sentido mais amplo de



capacidade teórica, de imaginar, de antever resultados em função das possibilidades de trabalho.

Então, nesse sentido, ela nos formou, toda uma geração daqueles que eram seus alunos, daqueles que não eram seus alunos mas eram seus amigos, daqueles que a frequentavam com esse modelo de uma nova História. Eu posso dizer que aquela foi, naquele momento, uma nova História em um Brasil extremamente conservador, reacionário, em um Brasil da ditadura militar, em um Brasil em que havia censura, em um Brasil que muitos dos nossos intelectuais primavam pela profunda covardia, medo do regime, evitando temas, bordando situações para não assumir responsabilidades. Então, em um momento de obscurantismo, ela representou essa nova História, esse empuxo e também foi solidária com a nossa geração 68 – solidária em apoiar nossas passeatas; solidária em buscar, abrir caminho quando as ASI, as famosas ASI – Assessorias de Segurança e Informação – nas universidades estabeleciam as listas negras de todos aqueles que pensavam diferente da ditadura. Ela foi uma campeã nessa abertura de caminho para todos aqueles que estavam ao seu lado.

Portanto, essa é uma figura modernizadora. Uma outra característica fundamental que eu destaco e que é importante para nós é que ela se entendeu muito bem com a Bahia. O seu furor de entender a Bahia. Chegada como esposa do professor Sílvio, com a missão acadêmica de criar a escola de Geologia, ela não se acomodou apenas às tarefas domésticas – Tereza Cristina pode ficar, às vezes, um pouco magoada porque ela olhou um pouco menos para sua casa e pouco mais para fora, mas isso é verdade. Ela não se acomodou apenas às suas tarefas de mãe e de esposa, mas ela se lançou com muito fúria para entender que terra era essa onde ela estava. E a paixão por essa terra da Bahia é fundamental na obra de Kátia Mattoso, ela nunca escondeu: ao mesmo tempo é paixão, mas é uma paixão, digamos trágica ou grega, uma paixão que não esconde a sua inconformidade com determinados assuntos, a sua posição extremamente crítica em relação à Bahia, extremamente, digamos assim, exigente em relação aos baianos, ela nunca deixou de cobrar muita coisa. Portanto, não era uma paixão melodramática da novela, era uma paixão consistente. E essa paixão pela Bahia tem também de uma identidade que ela estabeleceu, uma característica nossa, baiana, que foi



esmaecendo e que infelizmente retoma, que é característica de uma cidade ou de um estado ou de uma sociedade regional, a meu ver, extremamente cosmopolita.

A Bahia nasce como capital, a cidade do Salvador é criada para ser capital de todo o pedaço do império português nas Américas, nasce articulada por todas as rotas de navegação do mundo, posto que foi um porto dos mais importantes, senão o mais importante durante pelo menos três séculos, na banda ocidental do Oceano Atlântico. Uma cidade aberta a influências e não é à toa que o nosso movimento democrático baiano, como ela bem batiza, de maneira intermediária entre a versão búzios e a versão inconfidência - não é? - uma versão, digamos assim, portuguesa, conservadora, e a versão revolucionária do movimento negro, ela batiza como movimento democrático baiano, que foi aquilo que os alfaíates fizeram ou os negros revolucionários fizeram. Ou seja, fizeram a democracia no Brasil, e uma democracia dentro dos parâmetros vigentes da época, que era a democracia francesa, a ponto dos nossos heróis hoje reconhecidos pela presidenta Dilma, a partir do projeto de Luiz Alberto, tem que dar os créditos, hoje como heróis nacionais, os primeiros heróis nacionais baianos, os quatro enforcados, os quatro líderes negros, que não se identificavam como baianos nem como baienses, eles diziam: “nós, franceses...”

Claro, naquele momento todos os que defendiam as ideias democráticas, antiaristocráticas, era considerados franceses. E isso reconhece o grande historiador Julius, o historiador francês, não é, Ewerton, dizia que “todos os democratas do mundo todos vós sois franceses.” Ser francês é uma característica política de democracia.

Ora, a nossa cidade cabia a identidade francesa, cabia a identidade iorubá, quimbundo ou Angola, ou seja, uma cidade cosmopolita, com todos os imigrantes possíveis aqui dentro. E a professora Kattia representava para nós, rigorosamente, do ponto de vista intelectual, esse cosmopolitanismo, porque ela era ao mesmo tempo o nosso elo como história francesa, sim, à qual ela estava ligada por formação e por amizade, todos esses grandes historiadores da sua época eram seus amigos, Mouhot, Godechot, enfim, toda a linha de frente da história francesa era de pessoas da sua intimidade. Segundo, ela era também profundamente europeia, suíça, formada em Ciência Política em Los Angeles, sabíamos que, quando faltava dinheiro para pesquisa, ela sempre dava um jeito de financiar alguns



pesquisadores, a gente sabia que está chegando o fim de ano e a Dr^a Kátia Mattoso vai passar dois meses na Suíça, porque ela trabalha para os bancos suíços, ela vai ganhar algum dinheirinho para trazer para financiar as nossas pesquisas, porque ela manteve muito tempo uma relação com os cadastro que ela trabalhou como pesquisadora para grandes bancos suíços, gerindo cadastro, onde as fortunas são acompanhadas e avaliadas.

Então, ela como especialista nisso dava a sua contribuição e ganhava um dinheirinho que ela aplicava nas pesquisas na Bahia, então, é muito suíça também. E mais do isso, ela sempre foi profundamente grega, então, para o seus netos, Pedro e Mikales, que estão aqui, dizia a Mikales, que é um grego baiano, que ele não está por fora, porque D. Kátia continua sendo muito profundamente grega, primeiro, na sua concepção de academia, sempre dizia que academia para ela não era uma escola com hora de entrar e sair, academia para ela era academia de Platão, academia em que havia o filósofo, aquele que detinha o conhecimento e que tinha em torno de si os seus discípulos. E aonde ia o chefe, aonde ia o mestre os discípulos acompanhavam, e o mestre tinha um papel total em relação aos seus discípulos, não apenas o de passar o conhecimento, mas de formar os seus discípulos, de deixar a sua marca de atitudes, de afetividade. Enfim, era um grande banquete de conhecimento que produzia em sua casa para formar pessoas, isso era muito grego, e ela sempre assumiu isso.

Sempre assumiu também, muito grega, no sentido da obsessão pela racionalidade, embora fosse emoção pura, sempre procurava dar um jeito de justificar o porquê das suas preferências que, às vezes, eram simplesmente pessoais, mas sempre justificava qualidades e nunca admitia bater o olho em alguém e ter alguma preferência ou algum tipo de simpatia, tudo era muito racional.

E também, outro lado que os gregos são muito próximos dos baianos, ela era profundamente supersticiosa, profundamente religiosa, não no sentido da religião enquanto ordem, enquanto obediência no sistema canônico, mas religião enquanto busca de espiritualidade, enquanto uma preocupação muito grande, não sei se Evergton, você que foi o seu especialista religioso, deve ter sobrado para você muito disso, a preocupação em acompanhar todas as grandes questões teológicas, era alguém muito bem formada em



Teologia e que fez um caminho muito louco, louco não, não esperado. Ela, grega de nascimento, batizada na Igreja Católica Ortodoxa Grega, experimentou pela força do seu matrimônio, uma vez ela me disse que para casar-se com Dr. Silvio, casar-se pela Igreja Católica, teve que abjurar a sua vinculação com a Igreja Ortodoxa Grega, por conta de que as duas Igrejas são concorrentes, inimigas, cismáticas. Os gregos ortodoxos versus os romanos católicos. E, portanto, ela simplesmente, mantendo a sua fé ortodoxa, não obteria o sacramento católico. Assim converteu-se ao catolicismo, buscou profundamente entender profundamente o catolicismo brasileiro, foi, digamos assim, muito fiel e muito sincera nessa adoção, e a história fez com que, falecida, fosse sepultada na Grécia com os rituais de volta a sua fé ortodoxa grega. Portanto, ela foi e voltou, e isso não significou nenhuma traição, porque ela continuou sendo fundamentalmente muito cristã.

Lembro-me que na nossa estada na França, durante 4 anos, sob sua orientação, a preocupação com a orientação religiosa de nossos filhos, Bárbara e Filipe, participou de todos os batizados, fez discurso no batizado de Filipe. Enfim, essas coisas que demonstram sinceramente que a religião ocupava um lugar importante. E dessa sua religiosidade, também o seu lado grego, jamais falou muito, mas sempre passou indicações de estudo e demonstrava que a sua religião tradicional, antiga, arcaica, que se pode chamar da Grécia clássica, do paganismo clássico, do grande Pantheon antigo, continuava muito viva nela. E, em muitos momentos, ela identificava não o sincretismo entre santo e orixá, mas o sincretismo entre os deuses gregos e os orixás, entre Athenas e Hera, e várias outras, com as nossas queridas Yemanjá e Yansã, enfim com os nossos arquétipos afrobrasileiros. Ela entendia muito bem esse jogo, vamos chamar de politeísmo, parece que é uma ofensa, mas dessa nossa multiplicidade divina, da nossa concepção de divindade múltipla.

Então essa era uma característica de Kátia Mattoso.

Tudo isso faz parte da formação de um cientista e de um intelectual, isso nós aprendemos. Ser um intelectual não é só meter a cara num livro, ler um bocado de coisas, mas também ter ideias, ter partido, ter paixões, ter identidades. Tudo isso deve ser projetado para o futuro. Aonde quero chegar? É que, saindo da vida e entrando na história, sobra para nós hoje, que não temos mais o convívio de Kátia Mattoso, mas teremos a sua memória. E



nós aprendemos com ela a importância da memória, que é um domínio do conhecimento que deve muito a uma das musas gregas, ao lado da musa Clio, musa diretora da nossa história, mas a musa Mnemosina. A musa da memória, daí vem a palavra amnésia, de onde vem monumento, de onde vêm todas essas palavras portuguesas.

Ora, sua memória deve ser preservada não como uma memória morta, porque a memória pretende ser a vida de quem morreu, a continuidade em vida de quem não mais vivo é. No entanto não podemos transformar a memória em algo conservador, em algo rígido, em algo, digamos assim, em lembranças saudosas repetidas. A memória é, acima de tudo, o exercício cotidiano em lembrança daquele que é reverenciado na direção daquilo que ele faria se vivo estivesse.

Então lembrar-se de Kátia Mattoso não é somente fazer sessões. Sessões são importantes como atos afetivos, estamos todos juntos aqui. Mas é também o desafio de trabalho, trabalho para o futuro. Por isso pensamos que um primeiro ponto dessa pauta de memória era o Prêmio Kátia Mattoso. Quem viveu a vida toda estimulando, apoiando e formando novos historiadores deve ser lembrada por alguma ação efetiva de estímulo e apoio aos novos historiadores, aos novos pesquisadores.

Pensamos num prêmio que anualmente possa premiar o melhor livro publicado, no sentido de que é uma obra completa, posta ao público sobre história da Bahia, o seu tema de pesquisa. Uma tese de doutorado, que é o fim de um trabalho acadêmico avançado sobre história da Bahia e uma dissertação de mestrado, que é um trabalho debutante de um jovem pesquisador sobre história da Bahia. E mais ainda, o próprio professor Antônio Fernando Guerreiro foi quem disse: não esqueçam o segundo lugar. Então colocamos uma menção honrosa, uma diplomação para o segundo lugar em todas as categorias.

Portanto é uma forma de, anualmente, estimular toda uma produção historiográfica. E mais ainda: as comissões julgadoras serão formadas todas por pessoas com formação completa, segundo ela desejava, todos doutores em História, nove doutores em História, três para julgar cada modalidade – livro- tese de doutorado e dissertação de mestrado – e mais ainda, para não assustar os futuros convidados para essas bancas, nós submeteremos a eles, também, uma proposta de que fazer parte da banca, do Prêmio Kátia



Mattoso, além de julgar os proponentes, as obras propostas também implique em um esforço de um artigo, uma avaliação crítica, sobre a historiografia, o progresso, o desenvolvimento da historiografia naquele ano.

De modo, que possamos sempre ter um artigo em uma revista de história com um certo balanço da historiografia a partir dos trabalhos que foram submetidos a julgamento. Ou seja, não deixar que nada seja morto, mas que tudo seja dinâmico.

E esse é um começo da nossa colaboração com a Assembleia Legislativa que muito, gentilmente se associou a esse prêmio e que vai publicar as teses de doutorado e as dissertações de mestrado que são, por natureza, inéditas, com seu selo prestigioso e que está abrindo a sua Casa e certamente abrirá o seu Plenário para outras sessões especiais em homenagem a professora Kátia Mattoso, com a participação da Universidade Federal da Bahia, aqui representando pelo professor Evergton e pelo professor Guerreiro, em várias realizações que serão programadas, encontros, seminários, publicações, as quatro universidades estaduais aqui representadas muito bem pelo nosso deputado Zé Raimundo que estarão associadas nesses eventos. E pensamos que assim, todos nós estaremos exercitando a função dos monumentos. Um monumento não é uma coisa grande que chama a atenção, não é isso, um monumento pode ser grande, pode ser pequeno, pode ser material e pode ser intangível, mas o monumento é toda aquela situação-circunstância-coisa ou peça que força a nossa memória, que nos força lembrar de alguma coisa ou de alguém.

Portanto, que esse prêmio, Kátia Mattoso, force a todos os baianos, a todos os historiadores, a todos os homens cultos da Bahia a lembrarem-se sempre da nossa grande amiga, mãe e historiadora, Kyriaccoula Kátia Demetre Mytilineou de Queiróz Mattoso.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 08/04/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Assistiremos a apresentação do DVD da historiadora política Kátia Mattoso.

(Apresentação do vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Agora vamos assinar o Protocolo de Intenções.

O Sr. Ubiratan Castro:- Senhores, acabamos de assinar, S.Ex^a o Sr. Presidente da Assembleia Legislativa do Estado e eu na condição de diretor geral da Fundação Pedro Calmon, o Protocolo de Intenções, que entre si celebram a Fundação Pedro Calmon Centro de Memória e Arquivo Público da Bahia e a Assembleia Legislativa da Bahia visando a criação do Prêmio Kátia Mattoso de História da Bahia.

Portanto, esse foi o documento assinado que cria o Plano e em seguida assinarei a portaria que regulamenta o Prêmio de História da Bahia, Prêmio Kátia Mattoso.

Então, tudo será datado de 08 de abril e publicado no Diário Oficial. Usaremos ampla divulgação ao Regulamento do Plano com todas as condições de inscrição, os critérios de julgamento, os valores dos prêmios, e o recebimento desse prêmio está programado para o dia 08 de abril de 2012.

Todas as obras, livros, teses e dissertações defendidas ou publicadas durante o ano de 2011 poderão se inscrever no fim deste ano, nos prazos aqui indicados, para concorrer ao prêmio, que será entregue no dia 08 de abril de 2012, se V.Ex^a permitir em sessão solene nesta Casa do povo baiano.

Quero dizer a vocês que a pretensão do Plano, a nossa Fundação já indicou no Plano a verba, a rubrica orçamentária para a cobertura com as despesas do Plano e a Assembleia Legislativa por sua parte já definiu os custos pela medição dos dois trabalhos, teses de doutorado e dissertação de mestrado, que foram agraciados para publicação.



Enfim, independentemente, não há nesse Protocolo nenhuma transferência de recursos, nenhuma circulação de dinheiro e com isso esperamos que a cada ano possamos oferecer à comunidade de historiadores esse Prêmio Kátia Mattoso.

Muito obrigado.

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Sr. Deputado José Raimundo, do PT, proponente desta sessão; Sr. Paulo Pontes, chefe de gabinete da Secretaria da Educação, representando o governador Jaques Wagner; Sr^a Tereza Mattoso, filha da homenageada; Sr. Professor Ubiratan Castro, representante do secretário da Cultura Albino Rubim e diretor da Fundação Pedro Calmon; meu querido amigo, ex-governador da Bahia, Waldir Pires; Sr^a Míriam Souza, Consulesa Honorária da Grécia; Sr^a Consuelo Pondé, presidente do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia; Sr. Prof. Evergton Sales, coordenador de pós-graduação de História da UFBA.; Sr. João José Reis, professor de História da Universidade Federal da Bahia; Sr. Aderbal de Castro, sub-Secretário de Educação do Estado, representante do secretário Osvaldo Barreto; Sr. Prof. Antônio Guerreiro, representante da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA., inicialmente, eu gostaria de pedir desculpas porque, infelizmente, quando foi marcada esta sessão nós já havíamos assumido o compromisso de uma reunião dos 3 Poderes, a Agenda Bahia, com o governador Jaques Wagner, com a presidente do Tribunal de Justiça desembargadora Telma e nós representando o Poder Legislativo. O primeiro tema foi a segurança pública. Sempre defendi a tese de que segurança pública não deve ser um problema exclusivo do Poder Executivo e, sim, um problema de Estado.

Gostaria de parabenizar o deputado José Raimundo, ex-reitor, que nos honra muito nesta Casa. E agora, com sua iniciativa, nós aprovamos por unanimidade na Mesa de Diretora esse termo de intenções, tendo em vista que na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, apesar de ser a Casa das Leis, colocamos aqui também como prioridade as edições e reedições de diversos livros de pessoas que fizeram história na Bahia. Já totalizamos 52 livros e, até julho, entregaremos mais 6 livros, porque achamos que o Poder Legislativo, a Casa do contraditório, também tem que ser a Casa da cultura para que possamos homenagear pessoas que fizeram história no nosso Estado.



Meu querido Prof. Ubiratan, V.Ex^a foi de uma felicidade ímpar porque na Bahia tivemos e temos pessoas ilustres que nasceram nesta terra abençoada pelos deuses, mas também tivemos a felicidade de receber pessoas que vieram, inclusive, de outros continentes, chegaram nesta terra de tantas belezas naturais e de povo acolhedor. E a Prof^a Kátia Mattoso veio para esta terra criar seus filhos e ver o crescimento dos seus netos.

A Assembleia Legislativa se sente feliz em participar desse prêmio dos mais justos. Não tive a felicidade de conhecer a professora pessoalmente. Tenho a honra de ser amigo pessoal do seu genro, mas todos nós conhecemos a sua história na área da Educação do nosso Estado.

A Bahia de tantas pessoas que fizeram história, a Bahia de Anísio Teixeira, a Bahia de Ruy Barbosa, a Bahia de Castro Alves, a Bahia de Waldir Pires, a Bahia de Jaques Wagner, passa a também ser a Bahia de Kátia Mattoso.

Está encerrada a sessão. (Palmas)